

IMPACTOS GEOPOLÍTICOS E A NOVA GUERRA FRIA NO CONTEXTO DOS HIDROCARBONETOS

GEOPOLITICAL IMPACTS AND THE NEW COLD WAR IN THE CONTEXT OF HYDROCARBONS

IMPACTOS GEOPOLÍTICOS Y LA NUEVA GUERRA FRÍA EN EL CONTEXTO DE LOS HIDROCARBUROS

Alessandro Fernandes¹

RESUMO: Este artigo aborda os impactos geopolíticos da nova Guerra Fria, com ênfase nas questões relacionadas aos hidrocarbonetos. Explora a estratégia de guerra econômica do Ocidente, incluindo sanções e embargos comerciais contra a Rússia, com foco no conflito da Ucrânia. Analisa o papel crítico do gasoduto Nord Stream 2 na relação entre Rússia e Alemanha, bem como a evolução de sistemas de pagamento alternativos, como o CIPS, em meio a discussões sobre desdolarização. Destaca o envolvimento da OTAN na segurança energética global, enquanto a economia global enfrenta mudanças na dinâmica das reservas de moeda estrangeira e a possibilidade de desdolarização. Esses desenvolvimentos moldam o cenário geopolítico e econômico global, influenciando as relações entre nações.

Palavras-chave: Guerra Econômica. Sanções. Segurança Energética. Nord Stream 2.

3156

ABSTRACT: This article addresses the geopolitical impacts of the new Cold War, with an emphasis on hydrocarbon issues. It explores the West's economic warfare strategy, including sanctions and trade embargoes against Russia, with a focus on the Ukraine conflict. It looks at the critical role of the Nord Stream 2 pipeline in the relationship between Russia and Germany, as well as the evolution of alternative payment systems, such as CIPS, amid discussions of de-dollarization. It highlights NATO's involvement in global energy security, while the global economy faces changes in the dynamics of foreign currency reserves and the possibility of de-dollarization. These developments shape the global geopolitical and economic landscape, influencing relations between nations.

Keywords: Economic Warfare. Sanctions. Energy Security. Nord Stream 2.

¹Doutorando em Direito pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Mestre em Gestão e Negócios pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Pós-graduando em Criminologia pela Universidade de São Paulo, Pós-graduando em Direito Penal Especial pela Faculdade Legale, Pós-Graduação Lato Sensu em Direito do Consumidor pela Faculdade Legale, MBA em Gestão de Instituições Públicas pelo Instituto Federal de Rondônia, Pós-graduação Lato Sensu em História da América pela Faculdade de Minas, Pós-graduação Lato Sensu em Direito Penal e Processo Penal pela Faculdade Legale, MBA em Direito do Agronegócio pela Faculdade Legale, Pós-Graduação Lato Sensu em Ciências Humanas e Sociais Aplicadas e o Mundo do Trabalho pela Universidade Federal de Piauí, Pós-Graduação Lato Sensu em Lei Geral de Proteção de Dados pela Faculdade Legale, Pós-Graduação Lato Sensu em Gestão de Risco e Cibersegurança pela Faculdade Focus, Pós-Graduação Lato Sensu em História da Guerra pela Faculdade Venda Nova do Imigrante, Pós-Graduação Lato Sensu em Educação em Direitos Humanos pela Universidade Federal de Rio Grande, Pós-Graduação Lato Sensu em Direito Público pela Faculdade Legale, Pós-Graduação Lato Sensu em Gestão Pública Municipal pela Universidade Federal de Rio Grande, Pós-Graduação Lato Sensu em Inovação e Empreendedorismo em Negócios Sustentáveis pelo Instituto Federal de Mato Grosso, Pós-Graduação Lato Sensu em Compliance pela Faculdade Venda Nova do Imigrante, Pós-Graduação Lato Sensu em Gestão Estratégica em Políticas Públicas pela Universidade Estadual de Campinas, MBA em Agronegócios pela Faculdade UniCesumar, Pós-Graduação Lato Sensu em Direito Empresarial pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos, cursando Licenciatura em História pela Universidade Federal de Pelotas. <https://orcid.org/0000-0002-0356-2565>

RESUMEN: Este artículo aborda las repercusiones geopolíticas de la nueva Guerra Fría, haciendo hincapié en las cuestiones relacionadas con los hidrocarburos. Explora la estrategia de guerra económica de Occidente, incluidas las sanciones y los embargos comerciales contra Rusia, centrándose en el conflicto de Ucrania. Analiza el papel fundamental del gasoducto Nord Stream 2 en la relación entre Rusia y Alemania, así como la evolución de sistemas de pago alternativos, como el CIPS, en medio de los debates sobre la desdolarización. Destaca la implicación de la OTAN en la seguridad energética mundial, mientras que la economía global se enfrenta a cambios en la dinámica de las reservas de divisas y a la posibilidad de la desdolarización. Estos acontecimientos configuran el panorama geopolítico y económico mundial, influyendo en las relaciones entre las naciones.

Palabras clave: Guerra económica. Sanciones. Seguridad energética. Nord Stream 2.

INTRODUÇÃO

No cenário global atual, o mundo enfrenta uma crescente tensão geopolítica que ecoa os resquícios de uma nova Guerra Fria. Esse contexto é moldado pelo conflito em andamento entre a Rússia e o Ocidente, com a Ucrânia no epicentro das hostilidades. Esse conflito transcende o âmbito militar, transformando-se em uma guerra econômica que envolve questões cruciais relacionadas aos hidrocarbonetos.

Os hidrocarbonetos, compreendendo petróleo e gás natural, representam elementos estratégicos de imensa importância nas relações internacionais. Neste artigo, exploramos a complexa interseção entre as implicações geopolíticas do conflito entre Rússia e Ocidente e o setor de hidrocarbonetos. Nossa análise abrange vários aspectos, desde as sanções econômicas impostas pelo Ocidente até o papel crucial do gasoduto Nord Stream 2, bem como o desenvolvimento de sistemas financeiros alternativos, como o CIPS, que indicam uma possível mudança nas dinâmicas econômicas globais.

A guerra econômica travada pelo Ocidente tem o objetivo não apenas de prejudicar a economia russa, mas também de influenciar o curso das hostilidades na Ucrânia, forçando o Kremlin a reconsiderar sua postura. No entanto, essa estratégia se revelou complexa e controversa, afetando não apenas o governo russo, mas também populações vulneráveis e tendo repercussões nas relações internacionais de longo alcance.

Além disso, o gasoduto Nord Stream 2, projetado para transportar gás natural russo diretamente para a Alemanha, desencadeou debates cruciais sobre a dependência europeia do gás russo, ao mesmo tempo que fortalece a posição da Rússia como um dos

principais atores no mercado energético global. Essa infraestrutura crítica se tornou um ponto focal nas tensões entre a Rússia e o Ocidente.

A introdução do sistema de pagamento CIPS, como alternativa ao SWIFT, juntamente com discussões sobre a desdolarização da economia global, demonstram que o conflito entre Rússia e Ocidente não se limita ao aspecto militar, afetando profundamente as estruturas financeiras globais.

Este artigo busca compreender esses desdobramentos complexos e examinar seu impacto nas relações geopolíticas e na economia global. À medida que o mundo enfrenta uma nova Guerra Fria com raízes nos hidrocarbonetos, é imperativo explorar as implicações desse conflito para a ordem mundial.

GEOPOLÍTICA E ECONOMIA EM CONFLITO.

A Rússia se destaca notavelmente no cenário global devido à sua influência no setor energético, uma vez que ocupa a posição de principal produtor mundial de gás e o segundo maior produtor de petróleo, ficando atrás somente da Arábia Saudita, com uma média de aproximadamente cinco milhões de barris por dia. Como Marshall (2018) expressou, além de seu arsenal nuclear, os principais ativos russos residem nas vastas reservas de gás e petróleo.

Essa tensão entre o Ocidente e a Rússia, desencadeada pela ocupação de parte do território ucraniano, não resultou apenas em um conflito militar, mas também em uma guerra econômica com o objetivo central, como Martin Wolf do Financial Times enfatizou, de "proteger a civilização liberal europeia" (WOLF, 2022c). O Ocidente tem buscado enfraquecer a Rússia e o governo de Putin através da imposição de diversas sanções, abrangendo tanto aspectos comerciais quanto financeiros. Estas medidas chegaram a um total de 87 nos primeiros seis semanas após a invasão da Ucrânia em 2022. Em resposta, a Rússia impôs 13 contrassanções, incluindo a suspensão do fornecimento de gás para países europeus (WALLACE; MACKRAEL, 2022).

No entanto, até o momento, as sanções comerciais não alcançaram seu principal objetivo de forçar o Kremlin a cessar as hostilidades. Em vez disso, essas sanções têm afetado de maneira adversa populações vulneráveis na Europa e em todo o mundo, ao mesmo tempo em que fortalecem a posição da Rússia como sucessora da antiga URSS, o que cria um cenário propício para uma segunda Guerra Fria (BANDEIRA, 2013; HILL; STENT, 2022).

Além disso, as sanções parecem voltar-se para minar as conexões entre Putin e os oligarcas russos, que têm sido alvos individuais das medidas, enfraquecendo um dos principais sustentáculos do Kremlin (BELTON; MILLER, 2022). Este conflito de interesses também se manifestou no aumento das mortes suspeitas de oligarcas, muitos dos quais estavam envolvidos em atividades relacionadas ao gás e ao petróleo (LATSCHAN, 2022).

A Rússia utiliza seu domínio no setor de energia, especialmente no gás e no petróleo, como um trunfo nesse embate. Um exemplo é o gasoduto Nord Stream 2, que transporta gás russo diretamente para a Alemanha, contornando os países do leste europeu. Embora seja benéfico para Rússia e Alemanha, fortalecendo sua interdependência energética, gera tensões dentro da Europa, especialmente entre países que veem essa dependência como preocupante (MARSHALL, 2018; FIGUEIREDO, 2022A).

A notória relação entre as sanções e a Rússia envolve a certificação deste novo gasoduto, o que se tornou um dos principais alvos das primeiras sanções, quando houve o reconhecimento de independência das Províncias de Donetsk e Luhansk. Além disso, falhas e vazamentos nos dois ramais de distribuição de gás levantaram a possibilidade, ainda não confirmada, de que essas estruturas foram alvos de ataques premeditados (DI FEO, 2023).

A OTAN, cuja missão sofreu uma evolução significativa desde o final da Guerra Fria, agora se encontra profundamente envolvida em questões de segurança energética. A organização tem um papel central no controle das rotas de óleo e gás, como indicado por Noam Chomsky, que ressalta que a OTAN “controla as rotas marítimas e os dutos de óleo e gás” (CHOMSKY *apud* PURVIN, 2022). Isso demonstra uma mudança no foco da missão da OTAN, que não se limita apenas à proteção contra ameaças militares, mas também à garantia da segurança e controle dos recursos energéticos.

A guerra econômica resultou na exclusão financeira da Rússia, com a sua remoção do sistema SWIFT, o que terá implicações significativas no fornecimento de gás para a Europa, pois as transações e pagamentos relacionados a esse setor serão prejudicados (JONES, 2022). Isso destacou a vulnerabilidade de países dependentes desse sistema e tem levado a discussões sobre alternativas.

Nesse contexto, emerge o sistema de pagamento CIPS, impulsionado pela China, como uma alternativa ao SWIFT. Embora ainda esteja em uso restrito, principalmente ligado à China e à Índia, o CIPS tem ganhado aceitação em mais de cem países. A adoção do CIPS por parte da Rússia pode incentivar transações em renminbi e acelerar a criação de uma ordem monetária alternativa. Essa dinâmica também está ligada à redução da dependência do dólar, cuja participação nas reservas globais de moedas tem diminuído lentamente (CARVALHO; GABRIEL, 2022; DAVIES, 2022).

Desafiar a posição do dólar como moeda global é uma tarefa complexa, mas o surgimento de alternativas como o CIPS e a diversificação dos mercados de commodities, como o caso da Rússia como exportadora de cereais, está moldando o futuro do sistema financeiro global. A chamada “Nova Guerra Fria” está se desdobrando não apenas no campo militar, mas também nas estruturas financeiras que sustentam o comércio internacional e a geopolítica.

IMPACTOS GEOPOLÍTICOS, A NOVA GUERRA FRIA

Martin Wolf, editor do Financial Times, enfatiza que o Ocidente não busca um embargo contra o Kremlin, mas sim uma guerra econômica para proteger a civilização liberal europeia, sacrificando o sofrimento em prol de uma causa maior (WOLF, 2022c, p. A13). Nos primeiros seis semanas após a invasão da Ucrânia em 2022, 87 sanções foram impostas à Rússia, incluindo sanções comerciais e financeiras, respondidas com 13 contrassanções, como o corte de fornecimento de gás para a Europa (WALLACE, MACKRAEL, 2022).

Embargos Econômicos e o Gasoduto Nord Stream 2

A Rússia, como principal produtor de gás e segundo maior produtor de petróleo, desempenha um papel central na economia europeia (MARSHALL, 2018, p. 41). As sanções focalizaram suas exportações de petróleo e carvão, notadamente o gasoduto Nord Stream 2, que transporta gás russo diretamente para a Alemanha, contornando o leste europeu, fortalecendo os laços econômicos entre Rússia e Alemanha (FIGUEIREDO, 2022a). No entanto, este projeto também se tornou alvo de sabotagem com vazamentos suspeitos (DI FEO, 2022).

O Nord Stream 2 é um gasoduto de gás natural com 1.234 km de extensão, percorrendo o Mar Báltico, da Rússia à Alemanha. Financiado pela Gazprom e diversas empresas de energia europeias, esse projeto foi iniciado em 2011 com o objetivo de expandir a capacidade anual de transporte de gás para 110 bilhões de metros cúbicos.



Figura 1 – Traçado do gasoduto Nord Stream 2.

Essas medidas confrontaram a Alemanha, que mantém interdependência energética com a Rússia, facilitada pela relação entre Angela Merkel e a Gazprom (HILL; STENT, 2022). Isso levanta questões sobre a importância da segurança energética para a OTAN (CHOMSKY *apud* PURVIN, 2022). O futuro da economia global está vinculado à forma como a energia é controlada e comercializada.

SWIFT, CIPS e a Nova Guerra Fria: O Dólar como Arma de Guerra

A exclusão da Rússia do sistema SWIFT afetaria os interesses comerciais europeus, que dependem disso para o pagamento do gás importado (JONES, 2022). Isso destacou a necessidade de serviços alternativos, como o sistema chinês CIPS, que pode se tornar uma alternativa para transações em renminbi e reduzir a dependência do dólar (CARVALHO; GABRIEL, 2022).

A participação do dólar nas reservas globais de moeda tem diminuído, e a introdução do renminbi digital pode acelerar esse declínio. A Rússia já adotou um sistema de pagamento próprio, o MIR, para proteger sua economia das sanções internacionais. Isso ilustra como o dólar pode ser usado como uma arma de guerra

econômica. Mudanças na dinâmica do dólar afetariam a economia global, uma vez que ele permite que os EUA exportem sua inflação para outros países, já que têm o controle sobre sua moeda (SHARMA, 2023).

A Crise de Nagorno-Karabakh

A disputa de Nagorno-Karabakh é uma questão complexa que remonta a décadas e desempenhou um papel importante nas dinâmicas geopolíticas da região. Localizada no Cáucaso, essa região montanhosa tem sido palco de conflitos territoriais e étnicos desde o século XIX. A situação escalou ainda mais com o fim da União Soviética, resultando em duas guerras principais: a Primeira Guerra de Nagorno-Karabakh, que ocorreu nos anos 90, e uma guerra mais recente em 2020 (MEDINA; JIMÉNEZ, 2011)..

No centro do conflito está o fato de que Nagorno-Karabakh é uma região de maioria étnica armênia, embora esteja geograficamente dentro do Azerbaijão. Essa composição étnica complicada é um resultado das divisões de fronteiras estabelecidas durante a era soviética, parte de uma estratégia de "dividir para conquistar" que visava evitar homogeneidade étnica em suas repúblicas.

3162

Em 1988, no final da era soviética, as tensões aumentaram quando as autoridades de Nagorno-Karabakh solicitaram permissão de Gorbachev para se separar da RSS do Azerbaijão e se juntar à RSS Armênia, um pedido que foi negado devido às disposições da Constituição Soviética (TOLOLYAN, 2007). Isso culminou em conflitos violentos e o início da Primeira Guerra de Nagorno-Karabakh, que resultou em milhares de mortes.

A situação permaneceu instável até a guerra de 2020 . Nesse conflito, o Azerbaijão lançou uma grande ofensiva, a chamada "Segunda Guerra de Nagorno-Karabakh", que se estendeu por 44 dias e resultou na vitória azeri. O Azerbaijão recuperou cerca de um terço do território disputado e desencadeou um êxodo maciço da população armênia que habitava a região (RUBIN, 2020).

Essa situação trágica marcou o fim da autoproclamada República de Nagorno-Karabakh e levantou questões críticas sobre a sorte dos armênios remanescentes. As autoridades azerbaijanas ofereceram a opção de aceitar a cidadania azerbaijana ou

deixar a região, levantando preocupações sobre o risco de limpeza étnica e o futuro incerto dos armênios que optarem por permanecer.

A busca europeia por novos fornecedores de gás natural levou a presidente da Comissão Europeia, Ursula von der Leyen, para a assinatura de acordos em Baku com o presidente Azeri Ilham Aliyev, buscando dobrar a capacidade de exportação desse produto para o continente europeu até o ano de 2027. A certeza de que as divisas europeias financiariam novas agressões do Azerbaijão à sua vizinha Armênia, escalando um conflito até então restrito a Nagorno-Karabak, não foram um impeditivo para construção desse acordo, mostrando que o embargo russo não se limita a questões humanitárias (FIGUEIREDO, 2022f).

O conflito de Nagorno-Karabakh não é apenas uma questão regional. Também ilustra as complexas dinâmicas geopolíticas que influenciam a região do Cáucaso e estão interligadas com o cenário geopolítico global. Além disso, o conflito foi afetado pela Nova Guerra Fria, com a Europa substituindo o gás russo pelo gás azeri, destacando as contradições nas abordagens geopolíticas ocidentais em relação à Rússia e Ucrânia. Esses acontecimentos destacam a interconectividade das crises e disputas globais e regionais.

Aliança Pequim Kremlin

Essa aproximação chinesa ocorre menos por proximidade ideológica, motivada pelo receio de que, após a adesão da Ucrânia, as atenções da Aliança se direcionem para a situação de Taiwan, sendo a China alvo de novas sanções financeiras (AMARAL, 2022; DAVIES, 2022), dado que se entende que se trata de uma “disputa pela hegemonia entre os Estados Unidos e a República Popular da China, ou, entre o Ocidente capitalista desenvolvido (porém estagnado) e o Oriente capitalista dinâmico, mas ainda subdesenvolvido” (GUIMARÃES, 2013, p. 18).

A China compartilha com Putin o sentimento de que aquilo que é tolerado pelos EUA, principalmente as ingerências militares em países soberanos, para a Rússia e China, trata-se de algo condenado e deve, em virtude da incapacidade russa de substituir as importações industriais e tecnológicas posteriormente ao bloqueio ocidental, desenvolver relações comerciais cada vez mais assimétricas (ALENCASTRO et al., 2022).

Apesar da reclamação sobre a dominação exercida pelos EUA existir desde a Conferência de Bandung de Nações Alinhadas em 1955 (HUDSON, 2023), foi a busca estadunidense por uma dominação unipolar do mundo que tem empurrado a Eurásia para aquilo que Josep Borrell, chefe da política externa e segurança da União Europeia, "selva" fora do "jardim" dos EUA e UE: "O resto do mundo não é exatamente um jardim. A maior parte do resto do mundo é uma selva, e a Selva pode invadir o jardim" (BARROS, 2022b).

Com base nas projeções de crescimentos econômico e populacional, conclui-se que os EUA não mais serão, na próxima década, o poder hegemônico no mundo, necessitando de uma aproximação com a Europa para formar um bloco predominante (KUGLER; SILVEIRA; HARLEY, 2022). Da Eurásia por seus rivais, coloca-se como obstáculo no projeto norte-americano, baseado numa dominação de espectro total, isto é, com objetivo de estabelecer e manter a hegemonia americana, sob o manto ideológico da defesa de valores universais (GUIMARÃES, 2013).

A contraofensiva chinesa ao projeto de manutenção desse status norte-americano é clara, buscando uma parceria de segurança que ainda não é um acordo de assistência mútua, mas tem evoluído desde 2014, na ocasião da invasão da Crimeia, para o codesenvolvimento de seus equipamentos de defesa e planejamento operacional conjunto para contingências em tempo de guerra.

DESAFIOS PARA A ECONOMIA GLOBAL

A economia global enfrenta uma série de desafios significativos que moldam sua dinâmica atual. Estes desafios incluem mudanças na dinâmica das reservas de moeda estrangeira, a possibilidade de desdolarização da economia global e seu impacto nas políticas de controle da inflação e nas relações comerciais.

Mudança na Dinâmica das Reservas de Moeda Estrangeira

A participação do dólar norte-americano nas reservas globais de moeda estrangeira tem sido uma âncora do sistema financeiro internacional por décadas. No entanto, essa participação tem diminuído gradualmente. Em 2000, o dólar representava 71% das reservas globais, mas, em 2020, esse número caiu para menos de 60% (DAVIES, 2022).

Essa mudança na dinâmica das reservas de moeda estrangeira tem implicações significativas para a economia global. O declínio do dólar como moeda de reserva pode enfraquecer a capacidade dos Estados Unidos de exercer influência sobre os mercados financeiros e as políticas econômicas globais. Além disso, pode abrir espaço para o fortalecimento de outras moedas, como o renminbi chinês, como alternativas viáveis (SCIARRETA, 2008).

Possibilidade de Desdolarização da Economia Global

A desdolarização é um fenômeno em que os países e as instituições financeiras buscam reduzir sua dependência do dólar dos Estados Unidos em suas transações comerciais e financeiras. Isso pode envolver a busca por alternativas ao dólar, como o uso de outras moedas ou mecanismos de pagamento (CARVALHO; GABRIEL, 2022).

A exclusão da Rússia do sistema SWIFT é um exemplo de como as nações podem procurar alternativas ao dólar para evitar restrições financeiras. Além disso, a China tem promovido ativamente o uso do renminbi em acordos comerciais e financeiros, buscando estabelecer sua moeda como uma alternativa ao dólar (SOUZA, 2020).

Impacto na Política de Controle da Inflação e Relações Comerciais

A mudança na dinâmica das reservas de moeda estrangeira e a possibilidade de desdolarização podem ter implicações na política de controle da inflação. O dólar tem sido usado como uma ferramenta para exportar inflação, uma vez que os Estados Unidos têm o controle sobre sua moeda e podem imprimir dólares para financiar déficits orçamentários e comerciais (SHARMA, 2023).

À medida que a participação do dólar nas reservas globais diminui, pode se tornar mais difícil para os Estados Unidos manter essa estratégia. Isso pode afetar a política de controle da inflação nos Estados Unidos e em todo o mundo (CARVALHO; GABRIEL, 2022).

Além disso, a desdolarização da economia global pode ter um impacto significativo nas relações comerciais. A dependência do dólar como moeda de reserva tem sido uma característica central do comércio internacional. À medida que os países buscam alternativas, isso pode mudar a dinâmica das relações comerciais globais e criar novos desafios para a economia global.

CONCLUSÃO

A intrincada teia de geopolítica e economia que caracteriza o conflito entre o Ocidente e a Rússia, muitas vezes chamado de "Nova Guerra Fria," deixa claro que a interseção entre poder, recursos e interesses continua a desempenhar um papel central nas relações internacionais contemporâneas. Este embate tem destacado a importância estratégica do setor energético, com a Rússia utilizando suas vastas reservas de gás e petróleo como uma ferramenta de influência global.

As sanções econômicas, uma das principais armas do Ocidente nesse conflito, têm demonstrado a complexidade de seu impacto. Enquanto pretendem enfraquecer o regime de Putin, as sanções muitas vezes acabam afetando populações vulneráveis na Europa, sem alcançar seu principal objetivo de cessar as hostilidades russas. Esse conflito de interesses também se estende à luta contra os oligarcas russos, que têm sido alvos das medidas, desafiando um dos principais pilares de sustentação do Kremlin.

A mudança na dinâmica das reservas de moeda estrangeira e a busca por desdolarização da economia global são tendências notáveis. À medida que o dólar norte-americano perde participação como moeda de reserva global, as implicações se estendem à influência dos Estados Unidos nos mercados financeiros e nas políticas econômicas globais. Essa mudança pode criar oportunidades para o fortalecimento de moedas alternativas, como o renminbi chinês, afetando o equilíbrio de poder global.

A "Nova Guerra Fria" é um reflexo das complexas e interconectadas dinâmicas da geopolítica e economia global. As estratégias e táticas empregadas por todas as partes envolvidas neste conflito têm impactos significativos que vão muito além das fronteiras da Rússia e do Ocidente. A medida em que esse embate continua a se desdobrar, permanece incerto como as nações e mercados se adaptarão e qual será o novo paradigma que emergirá no cenário global. Este conflito serve como um lembrete de que as relações internacionais permanecem em constante evolução, com desafios e oportunidades que moldam o futuro da ordem mundial.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Sérgio. **Roda Viva**. São Paulo: Fundação Padre Anchieta (TV Cultura), 21 fev. 2022 (93 min.). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QITRV097yoc>. Acesso em: 23 fev. 2022.

BANDEIRA, Luiz Alberto Muniz. **A Segunda Guerra Fria: Geopolítica e Dimensão**

Estratégia dos Estados Unidos: das rebeliões na Eurásia à África do Norte e ao Oriente Médio. [e-book]. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013. 849 p.

BELTON, Catherine; MULLER, Greg. Cracks emerge in Russian elite as tycoons start to bemoan invasion. **The Washington Post**, 29 abr. 2022. Disponível em: <https://www.washingtonpost.com/world/2022/04/29/russia-oligarchs-ukraine-invasion-dissent/>. Acesso em: 13 out. 2023.

CARVALHO, Carlos Eduardo. GABRIEL, João Paulo Nicolini. Vigor da desvalorização depende da China. **Valor Econômico**, 4 abr. 2022, p. A17.

DAVIES, Howard. Sanções mudarão o sistema financeiro? **Valor Econômico**, 2 maio 2022, p. A15.

DI FEO, Gianluca. Sabotaggio Nord Stream: dall'energia a Internet, quelle reti sottomarine facile obiettivo di Mosca. **La Repubblica**, 27 set. 2023. Disponível em: https://www.repubblica.it/esteri/2022/09/27/news/north_stream_attacco_gasdotto_sabotaggio-367612665/. Acesso em: 14 out. 2023.

FIGUEIREDO, Filipe. A ilusão de uma postura unânime da OTAN sobre a Ucrânia. **Gazeta do Povo**, 25 jan. 2022a. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/vozes/filipe-figueiredo/a-ilusao-de-uma-postura-unanime-da-otan-sobre-a-ucrania/>. Acesso em: 8 out. 2023.

FIGUEIREDO, Filipe. Azerbaijão x Armênia: guerra, gás natural e democracia. **Gazeta do Povo**, 16 dez. 2022g. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/vozes/filipe-figueiredo/azerbaijao-x-armenia-guerra-gas-natural-e-democracia/>. Acesso em: 15 out. 2023.

3167

GUIMARÃES, Samuel Pinheiro. Prefácio. In: BANDEIRA, Luiz Alberto Muniz. **A Segunda Guerra Fria: Geopolítica e Dimensão Estratégia dos Estados Unidos: das rebeliões na Eurásia à África do Norte e ao Oriente Médio?** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013. p. 17-29.

HILL, Fiona; STENT, Angela. The World Putin Wants: How Distortions About the Past Feed Delusions About the Future. **Foreign Affair**, set. 2022.

JONES, Claire. The impact of throwing Russia out of SWIFT. **Financial Times**, 25 fev. 2022. Disponível em: <https://www.ft.com/content/7a6613c7-f2fo-4111-aaca-88867c9b8a0a>. Acesso em: 12 out. 2023.

LATSCHAN, Thomas. A misteriosa onda de mortes de oligarcas russos. **Deutsche Welle**, 9 maio 2022. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/a-misteriosa-onda-de-mortes-de-oligarcas-russos/a-61736808>. Acesso em: 14 out. 2023.

MARSHALL, Tim. **Prisioneiros da geografia: 10 mapas que explicam tudo o que você precisa saber sobre política global.** [e-book]. Rio de Janeiro: Zahar, 2018. 258 p.

MEDINA, Luis Andrés Bárcenas; JIMÉNEZ, José Ángel López. **Los conflictos**

congelados de la antigua Unión Soviética. Madrid: Ministerio de Defensa, Dirección General de Relaciones Institucionales; Universidad Carlos III de Madrid: Instituto de Estudios Internacionales y Europeos “Francisco de Vitoria”, 2011. 288 p.

PURVIN, Guilherme. Chomsky, OTAN e Batman. **Revista Pub**, 2022. Disponível em: <https://www.revista-pub.org/post/01032022>. Acesso em: 11 out. 2023.

RUBIN, Uzi. **The Second Nagorno-Karabakh War: a Milestone in Military Affairs.** The Begin-Sadat Center for Strategic Studies. Mideast Security and Policy Studies n. 184. Ramat Gan, dez. 2020, 17 p

SCIARRETA, Toni. Com dólar fraco, EUA "exportam" inflação, afirmam economistas. **Folha de São Paulo**, 20 jul. 2008. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/dinheiro/fi2007200810.htm>. Acesso em: 30 set. 2023.

SHARMA, Ruchir. Ouro para cima, dólar para baixo. **Valor Econômico**. 25 abr. 2023. p. A11.

SOUZA, Ana Tereza Lopes Marra de. A internacionalização do renminbi como um meio de contestação. Bogotá: **Desafios**, v. 32, n.1, p. 01-30, 2020.

TOLOLYAN, Khachig. Autodeterminação nacional e os limites da soberania: Armênia, Azerbaijão e a secessão de Nagorno-Karabagh. **Nacionalismo e Política Étnica**, v. 1, p. 86-110, 1995.

WALLACE, Joe; MACKRAEL, Kim. Corte definitivo do gás russo agrava crise energética e UE avalia medidas. **Valor Econômico**, 6 set. 2022, p. A17.

WOLF, Martin. Guerra testa a economia da Europa. **Valor Econômico**, 04 maio 2022c, p. A13.